

# Reflexividade na pesquisa antropológica em saúde

Desafios e contribuições  
para a formação  
de novos pesquisadores

Jaqueline Ferreira  
Elaine Reis Brandão  
(organizadoras)

EDITORA



UnB



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia



**Universidade de Brasília**

**Reitora** : Márcia Abrahão Moura  
**Vice-Reitor** : Enrique Huelva

EDITORA



**UnB**

**Diretora** : Germana Henriques Pereira

**Conselho editorial** : Germana Henriques Pereira (Presidente)  
: Fernando César Lima Leite  
: Beatriz Vargas Ramos Gonçalves de Rezende  
: Carlos José Souza de Alvarenga  
: Estevão Chaves de Rezende Martins  
: Flávia Millena Biroli Tokarski  
: Jorge Madeira Nogueira  
: Maria Lidia Bueno Fernandes  
: Rafael Sanzio Araújo dos Anjos  
: Sely Maria de Souza Costa  
: Verônica Moreira Amado

EDITORA



UnB

# Reflexividade na pesquisa antropológica em saúde

Desafios e contribuições  
para a formação de novos  
pesquisadores

Jaqueline Ferreira  
Elaine Reis Brandão  
(organizadoras)



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia

**Equipe editorial**  
: Luciana Lins Camello Galvão  
: Denise Silva Macedo  
: Wladimir de Andrade Oliveira  
: Haroldo Brito  
: © 2020 Editora Universidade de Brasília  
: Direitos exclusivos para esta edição:  
: Editora Universidade de Brasília  
: SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,  
: 2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF  
: Telefone: (61) 3035-4200  
: Site: www.editora.unb.br  
: E-mail: contatoeditora@unb.br  
: Todos os direitos reservados. Nenhuma parte  
: desta publicação poderá ser armazenada ou  
: reproduzida por qualquer meio sem a autorização  
: por escrito da Editora.  
: Esta obra foi publicada com recursos provenientes do  
: Edital DPI/DPG nº 3/2019.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

---

R332            Reflexividade na pesquisa antropológica em saúde : desafios e  
                      contribuições para a formação de novos pesquisadores /  
                      Jaqueline Ferreira, Elaine Reis Brandão (organizadoras). -  
                      Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2021.  
                      288 p. ; 23 cm. – (Pesquisa, inovação & ousadia).

Inclui bibliografia.  
ISBN 978-65-5846-007-7

1. Etnografia. 2. Antropologia da saúde. 3. Saúde coletiva. I.  
Ferreira, Jaqueline (org.). II. Brandão, Elaine Reis (org.). III.  
Série.

---

CDU 39:61

# Sumário

## **Prefácio 9**

Claudia Fonseca

Referências **14**

## Apresentação

### **Tradição e perspectivas sobre a reflexividade em pesquisas etnográficas em saúde 15**

Elaine Reis Brandão e Jaqueline Ferreira

1. Inquietações no ensinar e no fazer etnografias em saúde **15**
  2. Sobre os percursos da etnografia no campo da saúde **19**
  3. Situando a reflexividade na pesquisa etnográfica **24**
  4. Os discursos sobre a alteridade na antropologia **26**
  5. A escrita etnográfica **30**
  6. Experiências reflexivas: temas e questões bons para pensar **33**
- Agradecimentos **39**
- Referências **40**

## Parte I

### **Revisitando trajetórias reflexivas de pesquisa no campo da antropologia da saúde**

#### Capítulo 1

### **Antropologia, dissonância ética e a construção do objeto 49**

Sylvie Fainzang

1. Uma etnografia da mentira: entre a ética e a epistemologia **51**
  2. Etnografia da poligamia: um assunto ético? **59**
  3. Discussão **63**
- Conclusão **67**
- Referências **68**

## Capítulo 2

### **Por uma antropologia do cuidado:** reflexões em torno de um percurso de pesquisa **73**

Francine Saillant

1. Reflexividade, teoria, ciência, política **76**
  2. O percurso em direção a uma antropologia do cuidado **83**
  3. A alteridade no cuidado **88**
- Conclusão **92**  
Referências **93**

## Parte II

### **Percursos para uma etnografia reflexiva: experiências subjetivas no trabalho de campo de jovens pesquisadoras na saúde coletiva**

## Capítulo 3

### **Emoções na pesquisa etnográfica:** dilemas e desafios de pesquisadoras em campo **99**

Renata de Moraes Machado, Nathalia Ramos da Silva e Rachel Aisengart Menezes

1. Introdução **99**
  2. Dupla identidade do pesquisador e emoções no campo **103**
  3. Emoções e ética **110**
- Considerações finais **116**  
Referências **118**

## Capítulo 4

### **Entre vergonhas, surpresas e perturbações:** a carreira de pesquisa em uma instituição de tratamento para o alcoolismo **123**

Fernanda Vecchi Alzuguir

1. Introdução **123**
  2. A carreira moral e a pesquisa etnográfica na Unidade de Alcoolismo: definindo o objeto e o referencial de análise **126**
  3. Definindo um lugar, me definindo **131**
  4. A vergonha na cena do tratamento **137**
- Considerações finais **145**  
Referências **146**

## Capítulo 5

### **Quando a antropologia entra na escola procurando pela saúde:** o fenômeno vacinal do HPV à luz da reflexividade em pesquisa **149**

Natália Almeida Bezerra e Soraya Fleischer

1. Encontrando um tema de pesquisa sobre saúde **149**
  2. Definindo um campo de pesquisa sobre saúde **153**
  3. Construindo relações de pesquisa com adolescentes em uma escola **157**
  4. Lidando com os papéis recebidos na pesquisa: fotógrafa, nova professora, estagiária, filha da professora **162**
  5. Lidando com os papéis propostos à pesquisa: a antropóloga visual **167**
  6. Ponderando sobre questões ético-metodológicas **172**
- Sinalizando comentários finais **176**
- Referências **178**

## Capítulo 6

### **Uma etnografia encarnada:** imagens e identidades corporais de um pesquisador em uma academia de ginástica **183**

Alan Camargo Silva

1. Considerações iniciais **183**
  2. Etnografia encarnada: percurso reflexivo **185**
  3. Corpo e identidades: notas sobre a experiência etnográfica **188**
  4. Juventudes, masculinidades e heteronormatividade em xequê **190**
  5. Classes sociais, escolaridade, ocupação profissional: marcadores distintivos **194**
  6. Corpos brancos e negros e suas distinções **200**
  7. À guisa de conclusão: o etnógrafo em campo e corpo como dado inerente à pesquisa na contemporaneidade **202**
- Referências **203**

## Capítulo 7

### **“Ah! Você entende, né?!” Proximidades e distanciamentos na pesquisa com adolescentes em tratamento para anorexia nervosa 209**

Priscila da Silva Castro

1. Introdução **209**
  2. Fazer antropologia em serviço público de saúde **211**
  3. Sobre não ser uma nutricionista em campo **212**
  4. Adolescentes: indivíduos ou grupos vulneráveis? **214**
  5. A pesquisadora: uma estranha na equipe de saúde? **215**
  6. O delicado/difícil lugar da família **220**
  7. Aproximação ao sofrimento das adolescentes **223**
- Considerações finais **227**
- Referências **229**

## Capítulo 8

### **Das políticas públicas às práticas de atenção à saúde das pessoas com hanseníase: experiências e reflexões em torno da negligência 233**

Lidiane Mara de Ávila e Silva

1. A hanseníase em Mato Grosso: negligência como problema de saúde pública **236**
  2. A construção do campo em uma etnografia multissituada **238**
  3. Lugares e olhares na pesquisa etnográfica: a circulação entre a desconfiança e a benevolência **247**
- À guisa de conclusão **254**
- Referências **256**

## Capítulo 9

### **Inserções em campo e voluntariado no estudo de comunidades terapêuticas no sul do Brasil 259**

Priscila Farfan Barroso e Daniela Riva Knauth

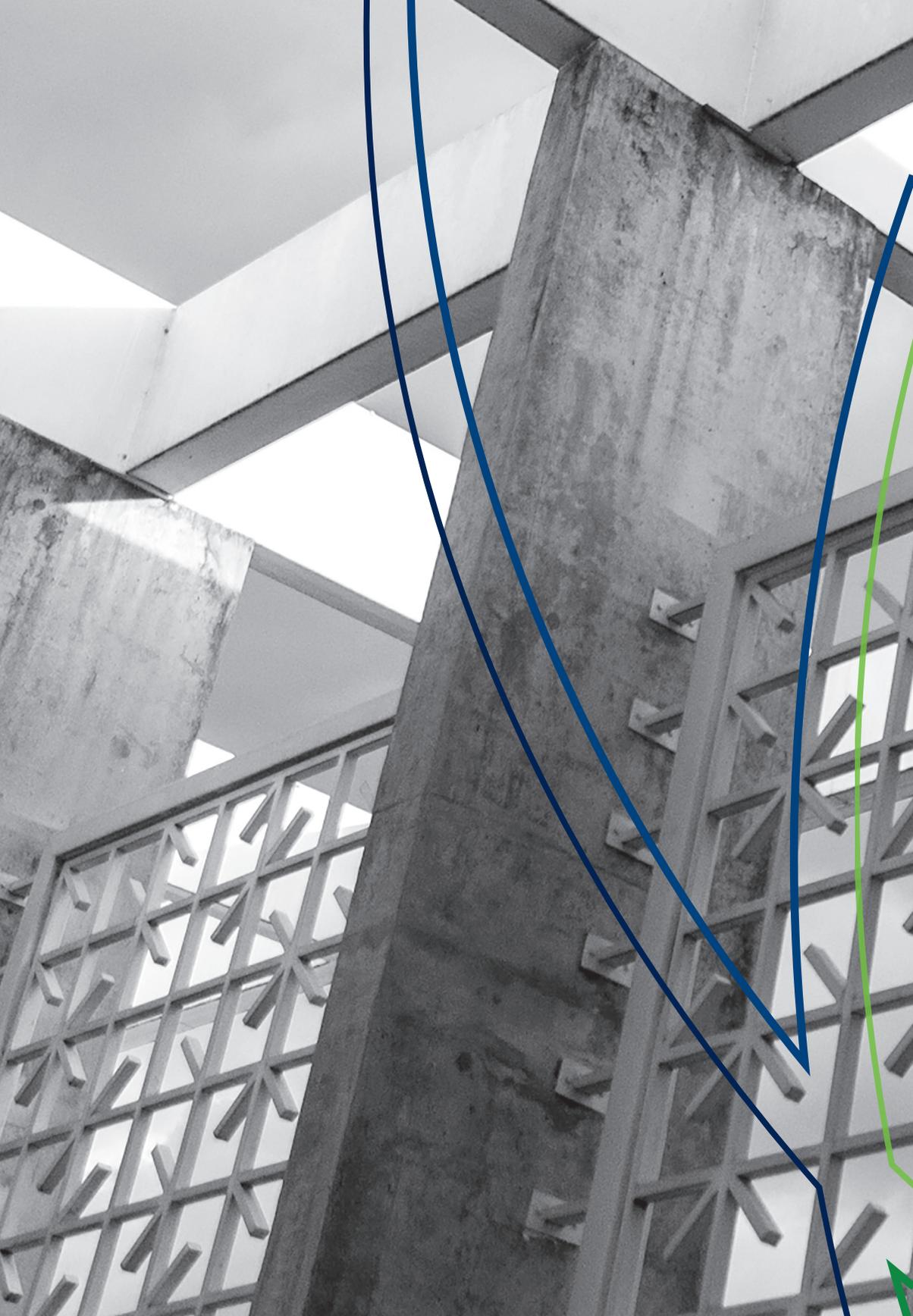
1. Introdução **259**
  2. Entrando em um labirinto **263**
  3. Voluntariado e pesquisa de campo **273**
- Referências **278**

### **Sobre as autoras e o autor 283**



Parte II

**Percursos para  
uma etnografia  
reflexiva:  
experiências  
subjetivas  
no trabalho  
de campo  
de jovens  
pesquisadoras  
na saúde  
coletiva**



# 5

Capítulo 5

## Quando a antropologia entra na escola procurando pela saúde: o fenômeno vacinal do HPV à luz da reflexividade em pesquisa

Natália Almeida Bezerra  
Soraya Fleischer

### 1. Encontrando um tema de pesquisa sobre saúde

Este capítulo discute uma pesquisa sobre a vacinação contra o Papilomavírus Humano (HPV) realizada em uma escola pública do Distrito Federal. Tema moderno, cativo para a área da saúde, as vacinas

tendem a ser a menina dos olhos da biomedicina, da saúde pública e do Sistema Único no Brasil (SUS) no Brasil. Esse tema cresceu e revirou nosso mundo antropológico, abrangendo questões de gênero, de raça e de geração, de políticas públicas em saúde, de corpo e de sexualidade, de relação entre autoridade sanitária e autonomia individual.<sup>1</sup>

Contudo, a intenção aqui é contar sobre essa experiência por outro viés: a reflexividade de quem faz pesquisa de campo etnográfico em temas e em espaços tradicionalmente identificados como da saúde. Se se pretende iniciar ou aperfeiçoar uma prática profissional como etnógrafa/o, é justamente conhecendo diversas experiências de pesquisa que se pode avançar, afinal, não há um método ou um manual que ensine e oriente a fazer pesquisa na antropologia (PEIRANO, 2014). É com a prática extensiva e aprofundada do trabalho de campo e também com a leitura recorrente e continuada de trabalhos monográficos da antropologia que se aprende e se alarga um repertório de técnicas, de estratégias, de ideias que ajudam a orientar a condução de uma próxima pesquisa etnográfica.

Com o intuito de tecer uma análise reflexiva, apresentamos, então, algumas temáticas que se mostraram significativas na pesquisa realizada para o curso de mestrado da primeira autora, as quais nos ajudaram a reposicionar algumas questões antropológicas: estudar um tema de saúde (vacinas), dentro de um lugar efervescente (escola), com interlocutoras intensas (adolescentes), tendo que administrar um familiar presente (mãe) e estar acompanhada não apenas por um caderno de campo, mas de uma câmera fotográfica. A pesquisa em voga foi realizada entre os anos de 2015 e 2016 pela primeira autora, sob a orientação da segunda. O texto oscilará entre a primeira pessoa do singular, quando for necessário garantir o tom de relato e a experiência pessoal (vividos unicamente pela primeira autora), especialmente, nos trechos relativos aos diários de campo; terceira pessoa do singular, quando estivermos nos referindo a apenas uma das autoras,

---

<sup>1</sup> Os resultados desta pesquisa podem ser encontrados na dissertação de mestrado defendida pela primeira autora no Departamento de Antropologia da Brasília (BEZERRA, 2017).

para destacar suas ideias ou práticas de pesquisa; e a primeira pessoa do plural, quando as reflexões e as análises tiverem sido realizadas pelo par de autoras, com um intuito de ampliar a discussão e alcançar um tom mais generalizável. Na maior parte do capítulo, navegaremos por esta última opção, garantindo nossa voz em uníssono e evidenciando nossa parceria intelectual.

Antes de tudo, vale contextualizar o tema mais amplo da pesquisa – a vacina para prevenir o HPV. Investigar o mundo social que a envolve e a diferencia de outras vacinas foi o objetivo central do trabalho de mestrado. Três grupos compuseram o mundo social da vacina HPV: as profissionais da saúde, as educadoras da escola e as/os adolescentes (meninas e meninos) e a suas mães e seus pais. Foram esses grupos que manejaram a vacina dentro da escola e puderam fornecer bons dados para discutir sobre o que, de fato, as pessoas compreendiam a respeito da dita vacina, do vírus e de tantos outros assuntos correlatos, como deixaremos mais claro a seguir. A pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública localizada em uma das 31 regiões administrativas (RA) do Distrito Federal (DF), que oferecia, à época, ensino fundamental (5º ao 9º ano) para uma população localizada na periferia da capital.

Essa vacina englobava uma complexa rede de relações, de atores sociais e de percepções sobre vacinação, medicamentos, especialistas e doenças. À época, apenas as meninas de 9 a 13 anos estavam recebendo a vacina (os meninos foram incorporados à campanha só depois, em janeiro de 2017). Logo, recortes sobre corpo, gênero e geração foram importantes aqui. Inclusive, o DF foi um dos primeiros entes da federação a iniciar a campanha de imunização para o HPV, chegando ao índice de 95% de corpos femininos vacinados com a primeira dose, ainda em 2013 (CORREIO BRAZILIENSE, 2014). Outro dado dessa campanha inicial que também despertou nossa atenção foi que ela migrou de um ambiente institucional mais convencional – o centro de saúde – para outro – as escolas. Tal prática, dentro da escola – uma instituição igualmente de ensino, disseminadora de conhecimento e disciplinadora –, gerou dilemas e discursos reveladores à pesquisa.

Estivemos atentas também ao fenômeno da recusa à vacina tanto por parte de algumas famílias conhecidas na escola estudada, quanto por parte de outras pessoas, casos estes divulgados na grande mídia. No Brasil, país de forte cultura de imunização (HOCHMAN, 2011), ter uma nova vacina, que prometia proteger de uma infecção sexualmente transmissível – e também por isso estigmatizada, como o câncer de colo de útero – e saber que alguns pais e mães negavam às suas filhas o que era visto por muitas outras pessoas como um benefício, fazia pensar. Essa vacina gerou muita controvérsia pelo fato de ser direcionada, em um primeiro momento, apenas às mulheres; por pressupor que meninas poderiam já ter iniciado sua vida sexual ou estariam prestes a fazê-lo e, assim, precisariam dessa proteção; por ampliar os valores pessoais, familiares, institucionais, médicos e religiosos – nem sempre coincidentes – sobre saúde e sexualidade femininas.

Discorrer sobre as concepções em torno da vacina, a quem pretendeu atingir (no caso, *proteger*, se usarmos o termo difundido pela campanha); saber como mães e pais estavam se posicionando frente a ela; e mais, como as próprias meninas estavam compreendendo seus corpos entre um “sim” e um “não” à vacina foram algumas questões trabalhadas na pesquisa. Essa vacina chama a atenção por suscitar problemáticas diferentes do que, até o momento, tem sido pesquisado sobre o fenômeno do vacinar-se, como, por exemplo, a forte negação que a vacina recebeu nos EUA (WAILOO *et al.*, 2010); a medicalização intensa dos corpos femininos (ROHDEN, 2003); o teor heteronormativo da vacina HPV (GRAHAM; MISHRA, 2011; 2012); o perigo biológico da vacina em si, como a paralisia das pernas; além do ganho financeiro e do interesse comercial das indústrias farmacêuticas (BARBIERI; COUTO, 2015). Encontra-se, assim, a vacinação no coração das relações de poder e de autoridade entre o Estado, a ciência e os cidadãos (MOULIN, 2003), em particular, agora, frente aos corpos femininos e jovens da periferia urbana.

Com esse contexto mais amplo apresentado, passaremos às próximas seções do capítulo. Primeiro, mostraremos como as vacinas poderiam ser mais obviamente encontradas nas instituições de saúde,

mas tomamos um caminho menos convencional ao perseguir a vacinas e suas repercussões conflituosas em outra instituição, não evidentemente relacionada ao tema da saúde. Segundo, a escola e seus personagens serão apresentados com o intuito de revelar e de discutir como a etnógrafa foi recebida, percebida, tolerada e acomodada. Por fim, passaremos pelos diferentes papéis que lhe foram atribuídos para revelar como esse conjunto de fatores – tema, lugar, presença e relações – conformou um ambiente propício e específico para o estudo do fenômeno vacinal no caso do HPV. Acompanhar as decisões da pesquisadora diante das condições que lhe foram apresentadas para realizar seu mestrado pode parecer uma opção analítico-textual muito pontual e circunscrita, mas apostamos que o relato de trajetos ético-metodológicos é a principal forma de consolidar um conhecimento sobre o fazer etnográfico, particularmente, quando a saúde é tomada como uma realidade social a ser estudada pela antropologia e pelas ciências sociais.

## 2. Definindo um campo de pesquisa sobre saúde

**Figura 1.** Meninas em fila aguardando a vez para vacinar.  
Dezembro, 2015<sup>2</sup>



Fonte: Bezerra (2017, p. 153).

<sup>2</sup> Todas as fotografias foram produzidas pela primeira autora em seu campo de pesquisa.

Quando Natália voltou à universidade em 2015, alguns anos após a graduação, retomou o contato com Soraya e trocaram ideias sobre temas de pesquisa. Os noticiários locais estampavam facetas sobre a controvérsia que crescia no DF, quase sempre, matérias que chamavam atenção para a divergência de opiniões entre os médicos sobre a vacina HPV (COLUCCI, 2015). Soraya sugeriu que Natália se atentasse para o que vinha sendo dito e debatido nos jornais. A mídia é uma sentinela importante dos fenômenos sociais em tela, embora não tenha o tempo nem necessariamente o objetivo de aprofundar-se sobre as causas, os efeitos e as consequências desses fenômenos.

Assim, ao longo do primeiro semestre de 2015, a primeira autora fez um *clipping* de mídia amplo sobre vacinas e um específico sobre a vacina do HPV. Por um lado, encontrou matérias, entrevistas e reportagens sobre movimentos antivacinistas, campanhas de imunização, técnicas de controle do Estado, surgimento de novas vacinas (Aids, Hepatite, Hipertensão, Dengue, Zika). Por outro lado, esbarrou na restrição da vacina do HPV para os homens, na diminuição da procura pelas segundas e terceiras doses, na desconfiança de pais e de mães e leu sobre os grupos contrários a essa vacina. Assim, o tema das vacinas, a do HPV em especial, captou nossa curiosidade. No entanto, historiadores e antropólogos já tinham produzido muito sobre vacinas controvertidas no Brasil. Queríamos algo que acrescentasse ao debate.

A migração do centro de saúde à escola, como espaço estrategicamente escolhido para a campanha do HPV, foi o que mais atraiu, primeiramente, Soraya para o tema. Porém, como escolher e chegar até uma escola? Como fazer pesquisa ali dentro? Será que as escolas abrigavam mesmo equipes com seringas, gelo, caixas de isopor a tiracolo? Natália resolveu, então, procurar a vacinação do HPV na cidade em que morava à época. Ela foi até o centro de saúde (ou posto de saúde, posto, postinho) mais familiar e próximo tanto porque era ali que buscava os remédios da sua avó, quanto porque estava a poucos quilômetros de sua casa. Lá conheceu Lorena, como aqui chamaremos uma técnica de enfermagem que ficava sempre em uma mesinha próxima à entrada do posto. Lorena foi simpática. Era conhecida por todos ali, sabia dos

calendários de vacina, sabia muito sobre o HPV. A pesquisadora ficou muito entusiasmada com ela, queria conversar com mais calma, sondar as possibilidades de um *campo*, como comumente chamamos na antropologia, os *sítios* para a realização de uma pesquisa. Na terceira tentativa, conseguiu marcar um encontro com Lorena.

Em um dia mais calmo, sem tumulto no posto, Lorena aceitou uma conversa informal ali mesmo, no corredor. Era muito dinâmica em sua fala. Contou muitos fatos sobre a vacinação realizada naquela RA: escolas desorganizadas, meninas em pânico, medo da agulha e, para nossa surpresa e desapontamento, interrupção da presença dos centros de saúde daquela região nas escolas. Com essa conversa, aprendemos, primeiro, que a vacina migrara para a escola, e o centro de saúde tinha ido junto. Equipe e equipamentos saíam de uma instituição e passavam a tarde na outra, distribuindo picadas nas meninas. Quer dizer, não eram as professoras ou as diretoras treinadas que manuseavam as agulhas, mas os mesmos profissionais de saúde de sempre. Em segundo lugar, que parecia haver um progressivo retorno da vacinação da escola ao centro de saúde, voltando aos moldes mais tradicionais. Parecia que perdíamos o campo da escola, salvo por apenas uma RA que, conforme explicou Lorena, “Vacina na escola, agora, só lá”. Embora Lorena fosse uma interlocutora simpática, aberta e comunicativa, descartamos manter o centro de saúde como *locus* da vacina. Queríamos algo novo. Natália agradeceu a acolhida, mas comunicou que não ficaria por ali.

Um fato estranho aconteceu, contudo. No dia em que Natália voltou ao posto para avisar a Lorena de que não faria ali a sua pesquisa, a técnica em enfermagem estava envolvida em um dia de vacinação contra gripe. As tias de Natália a acompanhavam, interessadas nessa vacina. Um trecho do diário de campo ambienta esse intenso momento de estranhamento:

Já na vez das minhas tias se vacinarem, juntei-me a elas para me inteirar da vacinação, já que queria observar mais, ia pesquisar sobre isso... Primeiro foi uma, depois a outra. Nesse instante, como estávamos as três perto da profissional de saúde, Lorena olha pra mim e pergunta: “Você já tomou? Baixa a blusa aí”. Falou

isso bem baixinho, apontando para o meu braço, e já foi tirando minha blusa. Eu fiquei sem saber o que fazer. Eu não me encaixava nos critérios exigidos pela campanha (idosos, bebês, diabéticos...), não tinha ido tomar vacina, estava numa crise sobre a validade desses “remédios” e tudo mais. Na verdade, na verdade, não queria mesmo. Então veio o “golpe”. Minhas tias ficaram me incentivando a tomar: “Aproveita, aproveita!” Lorena já estava com a vacina prontinha na mão, já chegando perto do meu braço. Aí, tomei! (Diário de campo, não publicado).

Naquela tarde, Lorena estava a pino, vacinando todo mundo que aparecia. Mesmo com a expressa indecisão de Natália em relação a tomar a vacina da gripe, aplicou uma dose. A antropóloga agradeceu meio sem graça à profissional, que pareceu muito contente em cumprir seu trabalho. Ela anotou o número em seu caderninho, engordando as estatísticas vacinais. Vários pensamentos invadiram a imaginação da antropóloga. Vacinas seriam dádivas? Foram construídas como bens de valor que devemos aproveitar? Tidas como bem público escasso, havia competição pelo acesso às vacinas e aquela seria uma oportunidade de uma cidadã frente a outras? Lorena teria sido invasiva ou estava apenas querendo agradar e/ou cuidar de uma usuária de seu território? Ela teria uma meta de furadas a cumprir por dia e seria cobrada por sua chefia? Exercia seu poder de autoridade sanitária local honrando os ensinamentos que teria aprendido no curso técnico de enfermagem? Competia com outras colegas para ampliar a cobertura vacinal daquela RA? As vacinas estariam próximas da data de validade e, portanto, havia certa urgência em serem usadas a fim de bem investir o dinheiro público, por exemplo? Sofreriam as meninas em idade escolar essa mesma pressão diante da vacina do HPV?

Se não se tornou o espaço do campo de pesquisa, o centro de saúde pelo menos consolidou o tema de pesquisa. Foi um importante espaço de chegada, de ambientação e de encontro com situações de puro estranhamento em relação ao mundo vacinal. Natália não ficou ali. Partiu para um próximo espaço, atravessada por informações, ideias e

inquietações. Experimentara um típico ritual de iniciação em pesquisa: fora picada, como todo mundo, mais ou menos à sua revelia, e chegaria à escola em pé de igualdade com as meninas visadas pela campanha do HPV: gênero à flor da pele, roupa devassada, corpo à mostra, saúde sendo cuidada por outrem.

Tema definido, campo imaginado, mas ainda instável. Agora, era necessário encontrar uma escola e ali se estabelecer, antes que o governo do DF retirasse definitivamente as campanhas do espaço escolar. Esse vai e vem da intenção vacinal, entre um espaço e outro, manter-se-ia como nosso interesse ao longo de toda a pesquisa.

### 3. Construindo relações de pesquisa com adolescentes em uma escola

**Figura 2.** Elas. Maio, 2016



Fonte: Bezerra (2017, p. 98).

Primeiro fato desafiador: Natália e Soraya nunca haviam feito pesquisa em uma escola. Logo, tudo era novidade, considerando que ser

estudante e ser pesquisadora são coisas bem diferentes, mesmo em se tratando de um espaço tão familiar como uma escola. Na graduação, a primeira autora havia etnografado a rotina de pessoas vivendo com doenças de longa duração (CANESQUI, 2015), como a diabetes mellitus e a hipertensão arterial, dando ênfase à relação que mantinham com seus aparelhos de medição dos índices corporais (BEZERRA, 2011). O trabalho foi desenvolvido em um centro de saúde em diálogo com a vizinhança local, quando as pesquisadoras frequentaram também as casas das pessoas e seus locais de sociabilidade e de lazer. Boa parte desses interlocutores era composta por senhoras e senhores, com tempo mais disponível para conversas, com fala mansa e com direito, muitas vezes, a um cafezinho ou a um pedaço de bolo (FLEISCHER, 2018). Ainda durante a graduação, Natália foi trabalhar no Governo do Distrito Federal (GDF), mantendo-se em espaços da burocracia estatal, como repartições públicas, salas de reuniões, eventos institucionais. O dia a dia como funcionária do Estado (e como antropóloga à paisana) era a convivência com pessoas de meia idade, engratadas e de salto alto, formais e apressadas.

Segundo desafio: as interlocutoras passaram a ser, principalmente, crianças e adolescentes. Em vez de casas pacatas, Natália passou a frequentar um lugar de pesquisa barulhento e movimentado (semelhante ao centro de saúde); em vez de idosos tranquilos, agora encontraria adolescentes enérgicas e intensas. Jovens essas que conversavam no ritmo delas, no tempo delas, do jeito delas. Foi preciso (re)aprender a etiqueta dessa juventude – suas gírias, seus modos de ganhar confiança, seus abraços constantes como forma de cumprimento – e relevar algumas atitudes por parte dos jovens, afinal, tudo faz parte da aprendizagem “intuitiva e experimental com tais imponderáveis, os quais nem sempre constam nas análises” (BONETTI; FLEISCHER, 2007, p. 7). Enfim, pesquisar em escola não foi simples; não foi somente reconectar-se à infância, ao passado das pesquisadoras.

Destacamos que dialogar, perguntar, ouvir histórias, sorrir com esse tipo de público foi importante e gratificante, pois, geralmente, eram sujeitos espontâneos, com muita energia e disposição; que gostavam de conversar, de perguntar; que interagiam com a pesquisadora,

criando relações, ingrediente fundamental, a nosso ver, para a possibilidade do fazer antropológico. Gostar de falar; dedicar-se a responder perguntas por vezes óbvias, básicas e pueris ou mesmo específicas, detalhistas e repetitivas; contar histórias em linguagem e estilo próprios, todas foram características do público jovem com quem Natália conviveu por seis meses.

Aqui, estamos usando *adolescência*, *jovem* ou *menina*, *moça*, *estudante* de modo amplo, sem a intenção de dividi-las em fases, idades, graus. Ao trabalhar com esse grupo, a pesquisa se beneficia do que nos relata Diniz (2014): a ideia central para pensar uma antropologia da criança (no nosso caso, da adolescência) é colocar essas pessoas como seres sociais ativos, interativos, capazes de se representar e de pensar o mundo à sua maneira. Os adolescentes vivenciam suas experiências e podem, portanto, desestabilizar nosso adultocentrismo “ao repensar categorias sociais a partir das experiências deles”. Assim,

realizar pesquisa com eles [...] exige de nós, adultas, um exercício permanente sobre lembrar a nossa provável posição social a partir da visão das crianças [e adolescentes] e buscar estabelecer diálogos [mais] fluidos. (DINIZ, 2014, p. 46).

Nessa perspectiva, estar em campo com meninas de 10, 13, 16 anos demandava energia extra, pois a pesquisadora tinha de ter

disposição para estar com elas, no grupo delas, como uma amiga. Uma amiga adulta que brincava com elas, ouvia o que elas tinham a dizer, que conversava sobre os assuntos que lhes interessavam. (DINIZ, 2014, p. 49).

Posteriormente, seguimos com essa reflexão sobre a amizade em campo.

Pereira (2016) também trabalhou com experiências juvenis em escolas públicas das periferias em São Paulo. A escola na qual Natália centrou sua pesquisa no DF pode ser tida como detentora de uma estrutura global e também de estruturas locais, assim como a escola paulistana por que Pereira passou. Global, como “um dispositivo educacional ou

disciplinar, com o objetivo de formação de sujeitos” (PEREIRA, 2016, p. 13), e local, como espaço de descrição das realidades específicas dos lugares em que esse estabelecimento de ensino se situa perante seus atores.

Para melhor compreensão dessas diversas manifestações, práticas e situações vividas em campo, pensamos ser necessária uma apresentação prévia do *lugar* da escola. Esse termo retoma os estudos de Marc Augé (2005, *apud* SÁ, 2014), como a localização de uma comunidade social no tempo e no espaço, como também o caráter identitário, relacional e histórico daquele sítio. *Lugar* é um espaço no qual se imprime um grau de afetividade que resulta das vivências, pois “parte de uma concepção do espaço físico e do espaço social estão juntos, um não existe sem o outro” (SIMMEL, 1992, p. 601, *apud* SÁ, 2014, p. 32).

Consideramos que detalhar, de diferentes formas, o *lugar* não é apenas falar do espaço, mas falar das pessoas que ali estão. Essa visão inclui todas as funcionárias e a antropóloga que ali trabalhavam e, sobretudo, seu principal público, as adolescentes da escola. Tal posicionamento é muito importante, pois demonstrou como elas viam e percebiam sua realidade local. Segundo Pereira (2016), da mesma forma que itens, como telefones celulares, bermudas de marcas, tênis, maquiagem, fazem, cada vez mais, parte do cotidiano juvenil, o reposicionamento das relações, das noções de espaço e de lugar dos jovens pode ser utilizado por eles como elemento de autorreconhecimento e de reconhecimento mútuo.

Os *lugares* em campo da pesquisadora tornaram-se fonte de reflexão. Esses eram *lugares* onde a pesquisadora mais convivia, conversava, conhecia gente, lanchava, sorria, até parava para descansar. Outros eram *lugares* estritamente de pesquisa, como a Sala de Orientação Educacional (SOE), o primeiro e principal *lugar* em campo para a primeira autora.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> O SOE era a sala das orientadoras educacionais, as quais participavam ativamente da vida interpessoal das alunas. Essas profissionais possuíam trânsito livre na escola e nas salas de aula, marcavam encontro com os pais, entre outras atividades. O orientador educacional é um dos membros da equipe gestora, ao lado do diretor e do coordenador pedagógico. Ele é o principal responsável pelo desenvolvimento pessoal

Falar de personagens, de cenários e de lugares nesta pesquisa sobre escola e vacinação foi importante para contextualizar os tipos de relações sociais encontradas e desenvolvidas em campo. Trata-se de falar sobre alguns aspectos da cultura escolar ali existente, de buscar vislumbrar uma parte da complexa rede que o espaço social da escola proporciona. Particularmente, como antropólogas, trata-se de repensar nossa presença em campo e de buscar conhecer, por meio das próprias relações sociais que ali ajudamos a estabelecer, o que as estrutura.

Para sintetizar e retomar uma discussão anterior: Natália não se tornou *tia*, como geralmente são chamadas as pessoas que trabalham com crianças e jovens, mas uma amiga, a qual abraçavam toda vez em que se viam, com quem dividiam o lanche no intervalo, por quem perguntavam quando sumia por um tempo, com quem andavam, a quem chamavam para ir “lá em casa”, a quem ouviam atentamente, a quem sorriam. Claro que, para um grupo curioso como as adolescentes, a pesquisadora, mais jovem do que as professoras, porém, menos jovem do que as estudantes, era uma figura liminar e, também por essa razão, atrativa por diversos motivos: por transitar mais livremente entre vários lugares, inclusive, em alguns proscritos às estudantes; por conversar com as professoras e por portar utensílios incomuns (como cadernos fora da sala de aula, máquina fotográfica fora dos espaços de lazer). Não foi apenas a simpatia que a favoreceu nessa relação, mas a atenção que despertavam seus elementos de identificação. Afinal, quais elementos que carregamos servem para nos posicionar em campo? Eles podem indicar alguns papéis sociais que serão ocupados em campo. Falaremos deles adiante.

Para fechar a seção, é bom deixar outra dica: encontre um espaço em campo em que você seja notada/o; onde ocorram possibilidades de conversas, de pesquisa. No caso desta investigação, foi o pátio interno, local onde ficava a cantina, com mesinhas e com bancos de concreto e com bebedouros, e a quadra de esporte. Ali se faziam refeições, sentava-se para uma conversa, encontravam-se as amigas; eram os lugares

---

de cada aluno, dando suporte à sua formação como cidadão, à reflexão sobre valores morais e éticos e à resolução de conflitos. (PASCOAL, 2008).

de maior sociabilidade entre as adolescentes. Eram alguns dos *lugares* em campo da pesquisadora. Natália costumava passar os intervalos na cantina, em uma mesinha. Sempre chegava alguém para conversar. Geralmente, as desconhecidas a abordavam: “O que você faz por aqui?” Era uma oportunidade para contar sobre a pesquisa, usar uma linguagem leve e, por vezes, conseguir uma entrevista após o intervalo. Esse era um espaço específico que refletia a juventude múltipla e efervescente da escola e um caminho para acessar as informações da vacina, tão caras à pesquisa. Atentemos a esses locais mais sensíveis à nossa presença.

#### 4. Lidando com os papéis recebidos na pesquisa: fotógrafa, nova professora, estagiária, filha da professora

**Figura 3:** Identidades. Março, 2016



A pesquisadora dentro da escola transitou por diversos personagens. Natália não esperava ser vista como pesquisadora, muito menos, como antropóloga, como raramente somos categorizadas. Parecem ser os adereços que carregamos e que decidimos (mais ou menos conscientemente) revelar que nos conferem identidade, funcionando melhor do que qualquer explicação que possamos oferecer sobre o nosso trabalho. Por exemplo, usar o caderno de campo, anotar em público e carregar uma câmera a tiracolo associou a pesquisadora à identidade de jornalista ou fotógrafa. Quando entrava em alguma sala com papéis e um coque nos cabelos, diziam: “Acho que ela é a nova professora”. Para a vice-diretora da escola, ela foi tida como estagiária vinda de alguma faculdade próxima devido ao seu entra e sai das salas de aula, embora, toda vez que estivesse com essa funcionária, Natália repetisse o que fazia ali na escola. Quando não, era entendida como mais uma funcionária da casa pela frequência com que a viam, pois, como diziam, “Essa aí já é servidora, vive lá na escola”. A identidade de antropóloga é geralmente exótica ao senso comum, precisando ser constantemente lembrada e construída paulatinamente nas relações com as pessoas. Entretanto, entre todos esses possíveis papéis, aquele que mais a definiu e marcou em campo foi o de *filha da professora*.

Esse é um fato que precisa ser contado em detalhes. Por coincidência, a escola que ainda receberia a vacinação naquela RA era também onde uma parenta de Natália trabalhava. Não era um primo distante de quarto grau, era sua mãe. Ter alguém muito próximo em um ambiente novo apresentou seus louros, mas também seus agouros. Apenas a título de contextualização, à época em que a pesquisadora começaria seu trabalho, essa escola estava atrasada no calendário vacinal. Portanto, a poucos dias de receber a equipe sanitária com seus apetrechos perfurantes, sua mãe comentou sobre a visita, e Natália prontamente aceitou conhecer a escola mais de perto.

Foi então sua mãe que abriu as portas da instituição. Esse contato foi muito importante. Ela foi uma interlocutora privilegiada. Apresentou Natália à diretora, às vice-diretoras e a todas as professoras e demais funcionárias. Ajudou a localizar as garotas que tinham

(e que deliberadamente não tinham) aceitado ser vacinadas, a encontrar as mães com quem seria possível conversar sobre essa campanha. Entretanto, não houve um dia sequer em que Natália não tenha estado na escola e que sua figura não tenha sido associada à de sua mãe, àquela professora específica da escola. “Olha a filha da professora”, “É a xerox da Fulana!”, “Olha, sua mãe estava te procurando”, “Você é a própria Fulaninha 2” foram comentários ouvidos com frequência. A primeira autora, como também foi vivido pela segunda autora (FLEISCHER, 2011), não sabia, até aquele momento, que havia tanta semelhança física com outra pessoa, tantas foram as comparações. No caso de Soraya, em sua pesquisa em uma pequena cidade amazônica, a longa convivência anterior com as parteiras da região e com uma enfermeira pernambucana foi definitiva para garantir a transmissão de confiança e de amizade. Soraya era simplesmente chamada de *A Xerox*.

Como seria inevitável que a informação sobre o parentesco já fosse sabido pela equipe escolar, Natália combinou com sua mãe que, na frente das estudantes, ao menos, tratar-se-iam de maneira mais contida, diríamos, profissional, para que sua relação não gerasse curiosidade extrema e pudesse interferir no andamento da pesquisa e, sobretudo, na manutenção do foco sobre o HPV e sua vacina. A pesquisadora receava que as alunas ficassem tímidas nas conversas e nas entrevistas por saberem que era filha de uma professora dali e que talvez a hierarquia entre docentes e discentes pudesse ser projetada sobre a antropóloga. Então, a mãe sempre falava: “Pessoal, a pesquisadora precisa conversar com duas meninas”, “A Natália vai acompanhar uma de vocês hoje” ou, simplesmente, mãe e filha negavam ou desconversavam quando perguntavam sobre o parentesco, ainda que as estudantes estivessem atentas à aparência física. Estas, porém, insistiam ou “jogavam verde”, uma astúcia juvenil recorrente. “Quando não conseguíamos representar bem essa distância, contávamos a verdade, porém, pedíamos discrição”. Aqui inspiramo-nos em Goffman (2014), que afirma que grande parte do comportamento das pessoas no cotidiano é semelhante ao de atores no palco, pois os indivíduos e os grupos estão constantemente representando uns para os outros.

Uma vez negociado e compreendido o que está em jogo em uma dada interação, o indivíduo passa a gerir a apresentação do seu Eu (*Self*) em relação às impressões anteriormente estabelecidas, com vistas a alcançar objetivos formulados previamente, de maneira consciente ou não. (GOFFMAN, 2014, p. 119).

Outra sugestão para lidar com questões mais sensíveis em campo foi exatamente reconhecer e dar voz a essas questões, o que, por um tempo, mãe e filha não estavam fazendo e que, em pesquisas anteriores, Natália e Soraya demoraram a aproveitar (BEZERRA, 2015; FLEISCHER, 2010):

Surgiram, contudo, algumas sugestões de estratégias para se lidar com os “riscos”. Visibilizá-los é a primeira delas, o que significa defrontar-se com eles e incorporá-los como um eloquente dado de campo que, por exemplo, revela ao etnógrafo como ele está sendo compreendido naquele contexto específico da pesquisa ou revela os limites que existem e que precisam ser respeitados pelo visitante e os visitados. (BONETTI; FLEISCHER, 2007, p. 13).

Rangel (2015), que desenvolveu pesquisa no circo em que sua mãe trabalhava, afirmou que fazer etnografia como filho não foi um empreendimento difícil, pois ele sempre se lembrava de que

O familiar não é necessariamente conhecido, o que faz diferir as nossas pesquisas parece ser menos o grau em que admitimos habitar relações prévias ao campo e mais em que medida as levamos a sério. O meu trabalho foi o de me acolher com profusão em relações reconhecendo que seriam elas o que eu intentaria descrever, e não meras derivas autocentradas. (RANGEL, 2015, p. 150).

Decidimos, com base no conselho de visibilizar os riscos, deixar fluir as situações em que o parentesco surgia, afinal, elas faziam parte

de nossas vidas, da rotina dessa escola e, naquele momento, da pesquisa de campo em curso. Querendo ou não, dados etnográficos também surgiram, foram registrados e agora, neste capítulo, por exemplo, geram reflexões relevantes. Entre os espaços que estrategicamente foram aproveitados por Natália para suscitar o debate sobre o HPV naquela escola, a presença de sua mãe foi muito mais proveitosa do que deletéria. A administração local sentiu-se mais confortável de deixar entrar ali alguém já conhecido; a confiança mútua foi construída de modo mais rápido; o fato de ser uma filha (e não um filho) pesquisadora também facilitou para que a direção permitisse que meninas estudantes fossem abordadas para falar de vacina, de sexualidade e de infecções sexualmente transmissíveis (IST); não foram notadas recusas, por parte dos interlocutores, em decorrência dessa filiação. Pelo menos, não de modo explícito. A presença do familiar, literalmente, nesse caso, ajuda-nos a desconstruir os ímpetos de heroísmo, de onipresença, de controle, de previsibilidade, de neutralidade que a disciplina ainda insinua serem condicionantes para a qualidade da antropologia produzida.

Por mais que a familiarização do exótico ou o estranhamento do familiar (VELHO, 1988) sejam movimentos necessários e desejados em nossa prática, parece que a Antropologia consensua ao redor de um limite. Ele anuncia que o “risco de proximidade” ainda persiste porque sustentamos o mito da objetividade e neutralidade como sinônimo de qualidade e excelência acadêmicas. Rever mais este mito, como lembrou uma partícipe, “é um risco epistemológico”, que por sua vez, “é sempre um risco político”. Acreditamos que ambos os riscos ajudam a avançar a disciplina. (BONETTI; FLEISCHER, 2007, p. 11).

Portanto, como esperamos ter ficado claro nesta seção, apostamos em duas frentes epistemológicas: por um lado, refletir sobre os variados papéis recebidos pela pesquisadora e, por outro lado, assumir, analiticamente, os riscos que daí decorreram.

## 5. Lidando com os papéis propostos à pesquisa: a antropóloga visual

**Figura 4.** Pichações jocosas nos corredores da escola. Abril, 2016



Fonte: Bezerra (2017, p. 108).

Uma das melhores descobertas feitas por Natália, no mestrado, foi o encontro com a fotografia. Como antropóloga, nunca tinha se dado conta de que trabalhar com imagens seria tão positivo e, ao mesmo tempo, desafiador. A antropologia visual é um campo múltiplo de teorias, de imagens e de representações. Ela oferece a possibilidade de uso e de reflexão acerca de produtos audiovisuais em um contexto de pesquisa. Segundo Guran (2000, p. 99), “o que se espera das fotos é que elas tenham o máximo de eficácia quanto à transmissão da informação”. A eficácia de uma foto está ligada a uma boa cena, a uma sequência bem-planejada, às legendas, ao conteúdo que se pode apreender delas. Ela ilustra e complementa (por vezes substitui) o texto.

Atualmente, a antropologia visual apresenta-se complexa, pois envolve questões profundas em seu fazer, tais como metodologia, epistemologia, técnicas visuais, ética. Entre seus temas e desdobramentos, há uma abordagem que se destaca há mais de meio século, a etnoficção. A ideia da etnoficção foi eventualmente utilizada na pesquisa aqui abordada. Seu fundador foi Jean Rouch, antropólogo francês, criador de renomados filmes, como *Os mestres loucos* (1954-1957); *Eu, um negro* (1959); *Petit a petit* (1970). De modo geral, tem-se uma etnoficção quando

existe uma espécie de mistura entre documentário e ficção na área da antropologia visual. Refere-se a um filme cujas personagens, nativos, recorrendo a uma narrativa ficcionalizada ou à pura imaginação, muitas vezes improvisando, desempenham o seu próprio papel como membros de um grupo étnico ou social. (ALTMANN, 2010, p. 4).

Rouch assim fez. Ao longo de sua carreira, deu voz, muitas vezes literalmente, a seus interlocutores, o que acabou por conferir a seus filmes um viés participativo. Longe de empreender uma etnoficção à *la Rouch*, a proposta foi usada, na pesquisa aqui considerada, como uma maneira de trazer imagens de um momento que não mais existe, justamente o dia em que a escola recebeu a campanha da vacinação. Como esse dia aconteceu no ano de 2015, quando a pesquisadora ainda não estava trabalhando com a câmera, ela propôs, às interlocutoras, a montagem e a representação de algumas cenas do dia da vacinação. Para exemplificar, a Figura 1 mostra as meninas em fila aguardando sua vez de vacinar. Tal foto não foi tirada no dia da vacinação, mas, com a ajuda das interlocutoras, a cena pôde ser retratada, refeita.

A necessidade de obter imagens fotográficas de um processo que não mais aconteceu ou aconteceria, mas que precisava ser remontado e que era possível de ser representado pelas pessoas e, ao mesmo tempo, ajudaria a suscitar um debate sobre o fenômeno vacinal, fez com que a opção pela etnoficção se mostrasse factível e também proveitosa à pesquisa. Trabalhar com o tema das vacinas e não fazer imagens óbvias (tais como pessoas sendo vacinadas) conferiu, a essa experiência, um dos pontos altos da produção.

Pesquisar sobre vacinas pode tocar uma realidade subjetiva, pois apresenta aspectos não tangíveis, não mensuráveis, como sentimentos, dores, ações, reações, processos e falas, logo, difíceis de retratar, de transformar em imagem, razão da tentativa da etnoficção. As interlocutoras poderiam ser acionadas a (re)contar como foi a vacinação, a ajudar a (re)montar o caminho da vacina pela escola, a (re)encenar seus próprios papéis no caminho que a vacina HPV percorreu ali dentro. As fotos representam, desde o momento em que a vacina foi negociada entre

o centro de saúde e a direção da escola, até a pós-vacinação, quando os braços ainda estariam doloridos e a fila se dispersaria na volta à sala de aula. Essa foi uma saída encontrada para apresentar a vacina por outro recorte que, embora retrospectivo, não fosse unicamente biomédico nem discursivo.

Em um segundo momento, este realizado no ano de 2016, Natália foi a campo com a máquina. Buscou retratar o que chamasse sua atenção, o que ajudasse a entender aquele espaço e seus atores e a retratar o que as palavras não alcançavam. A essa altura, sentiu-se mais livre, menos preocupada com o aparelho. Tirou fotos dos lugares por onde andou, das pessoas com quem conversou, sempre quando autorizada, preocupando-se com os cuidados quanto à proteção da identidade das adolescentes. Conforme surgiram temas a serem debatidos, utilizou as imagens para ilustrá-los e estimular o debate.

Resolveu inovar e testar algo com a câmera: tornar visíveis as relações que, por vezes, estavam no âmbito do não dito. Optou por falar sobre as interlocutoras por meio das pichações e dos grafites encontrados nas paredes da escola. Interessou-se ao refletir:

Como negar que a pichação, sendo ou não aceita, se tornou um ato de intervir em algo já existente, provocar reações diversas, direcionar e alterar olhares para um fato ou lugar dentro da banalidade cotidiana, reinventando-a? (VAZ; OLIVEIRA, 2012, p. 1).  
Fui andando pelos corredores e observando atentamente. Fotografava quando achava algo legal. Foi então que um garoto gritou para mim da janela de sua sala: “Tá doida, tá tirando foto de parede!?” Acenei e sorri. E andei. E fotografei mais. (Diário de campo, não publicado).

Para muitos, poderiam ser apenas fotos de paredes, algo beirando a loucura, e Natália se sentiu desconfortável com o uso dessa técnica. Contudo, era também um olhar inédito, que permitiu trazer aquelas imagens para o texto, como mais um caminho para compreender as relações de campo.

Entretanto, ela não quis focar apenas a violência na escola, visto esta dominar os desenhos e as frases. Seria preciso falar dela, pois era

real, mas não como objeto único e final. Quis mostrar que havia outras expressões: de amor, de paquera, de representações que contextualizavam a escola e as pessoas naquele lugar, pois entendemos que inscrições nas paredes são autodefinições – os jovens falando de si por eles mesmos, sem mediação, sem tradução. Frente a uma escola que, em muitos momentos, pode ser normalizadora de corpos e de atitudes, falar delas é ver mais do que seu caráter supostamente delinquente ou artístico; é considerar sua intenção, as relações que se originam, o arranjo que propõem.

Pensando a prática educativa como algo que permite ao estudante construir maneiras de ver a si e ao mundo, a pichação não é utilizada para fixar discursos, levando indivíduos a subordinarem-se a ela, mas para desencadear interpretações que não dizem respeito apenas ao objeto, mas a um posicionamento sobre nossas relações com o mundo. Basta entrar em uma escola para percebermos o quanto marcas pessoais são deixadas pelos jovens, indicando sua passagem por ela. (VAZ; OLIVEIRA, 2012, p. 4).

Essas marcas, a bem da verdade, estão na contramão da “eficácia dos mecanismos de vigilância e de poder de Foucault” (PEREIRA, 2016, p. 16). São táticas que, segundo De Certeau (2009, *apud* PEREIRA, 2016), articulam os detalhes do dia a dia, configuram uma antidisciplina e expressam a cultura da juventude contemporânea com que se conviveu ali dentro. O autor ainda aponta para

a importância de se atentar para certos procedimentos criativos do cotidiano que são postos em prática pelos atores e que geram dissonâncias na efetuação do poder pelas redes microscópicas de vigilância e controle de instituições como a escola. (DE CERTEAU, 2009, *apud* PEREIRA, 2016, p. 18).

A ideia foi pensar o mundo social por outros caminhos. A maioria das pichações foi feita nos corredores da escola, nos muros internos, nas portas do banheiro, nas paredes das salas de aula. Em contrapartida,

os grafites foram encontrados nos muros externos virados para rua, nas paredes da entrada da escola; ao lado da biblioteca, das salas de recursos; nos pátios, nos locais de sociabilidade juvenil. Pichações revelavam brincadeiras que ocorriam entre alunos e alunas; contribuíam para explicitar a ambiguidade das relações de gozação e de gênero, que carregavam consigo certo clima amistoso, mas que também marcavam o conflito aberto entre alguns dos jovens. Eles estão a todo tempo reinventando o espaço escolar e a reprodução social da instituição. Essas diversas dimensões da vida humana, segundo Pereira (2016), são aspectos a serem valorizados pela pesquisadora por se mostrarem importantes para a compreensão dos dados acessados na pesquisa. Por trazer todos esses componentes, a construção acerca da saúde não se faz sozinha no meio social, ela utiliza vários instrumentos para se desenvolver.

Com as fotografias, buscamos conhecer as dinâmicas juvenis daquela escola e pensar nos modos como elas poderiam contribuir à pesquisa sobre uma vacina. Alguns questionamentos iniciais foram: por que falar de cenário, físico ou recôndito, é importante em um contexto de saúde? Por que explicitar as violências nas relações interpessoais é válido? Como essas imagens podem influenciar os dados de alguma forma?

Seguindo os passos de Peirano (2014), a etnografia não tem modelo pré-definido e nem momento certo para começar e acabar. Todos esses dados apresentados, desde o início, fizeram parte e compuseram a análise do processo vacinal em si. Segundo essa autora,

a empiria – eventos, acontecimentos, palavras, textos, cheiros, sabores, tudo que nos afeta os sentidos – é o material que analisamos e que, para nós, não são apenas dados coletados, mas questionamentos, fonte de renovação. (PEIRANO, 2014, p. 6).

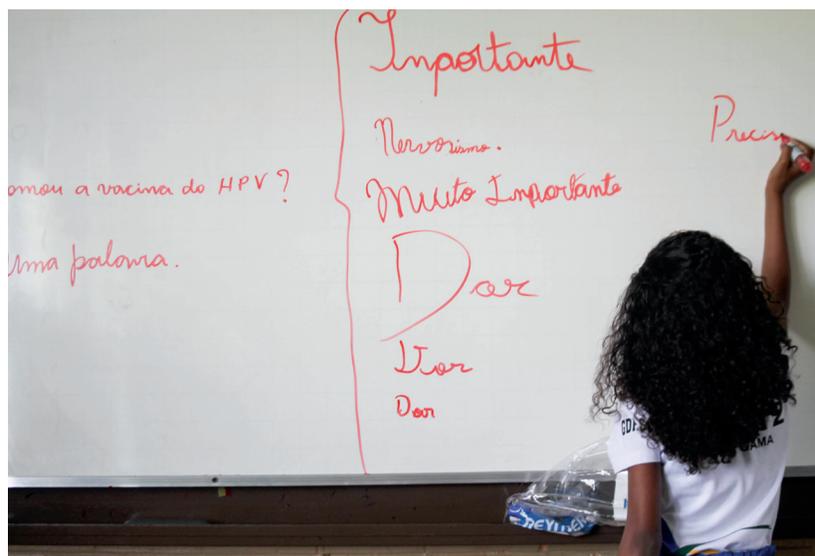
Apresentar esse recorte socioespacial contribuiu para um olhar mais acurado sobre o contexto no qual a vacina estava inserida, ou melhor, participando.

Afinal, a pesquisadora também virou fotógrafa em campo, mas por que tirar fotos das paredes? Por que trazer a pichação para discutir saúde?

A ideia foi ser fiel à realidade encontrada e percebida em campo, pois validou e ilustrou outras questões que se apresentaram ao logo do trabalho, como o possível distanciamento do olhar da escola frente às questões de saúde; a zoação constante e reveladora das relações sociais no dia da vacinação; a estreita relação entre saúde e religião; os tabus para tratar de sexo, de sexualidade e de orientação sexual; a moralidade de casa reproduzida na escola. Pontualmente, falar do grupo pesquisado descrevendo o lugar em que ele estava e onde se davam suas relações, amistosas ou não, foi relevante por ser mais um ângulo de análise dos dados e dos fatos encontrados, tornando-nos mais sensíveis para questões raramente consideradas na análise dos dados, como os tipos de violências perpetrados no ambiente escolar. O instinto etnográfico foi acionado (PEIRANO, 2014); a violência não deixa de ser um fenômeno da escola, mas é também da sociedade (PEREIRA, 2016), razão pela qual não poderia deixar de aparecer aqui como parte do cenário que a vacina e a pesquisadora encontraram na escola.

## 6. Ponderando sobre questões ético-metodológicas

**Figura 5.** Expressões acerca da vacina HPV. Dezembro, 2015



Fonte: Bezerra (2017, p. 131).

“A antropologia é resultado de uma permanente recombinação intelectual” (PEIRANO, 2014, p. 3). Como a etnografia é muito mais uma maneira combinada de diferentes formatos de se fazer pesquisa, ela permite, ao/à pesquisador/a, uma abordagem aprofundada das questões a que se propõe estudar e/ou, sobretudo, que surgem como relevantes para os/as próprios/as interlocutores/as com quem se convive em campo.

Muitas vezes, vamos a campo com alguns temas pré-determinados, buscando encontrar respostas para certas perguntas que nos foram inspiradas pela literatura conhecida de antemão. Entretanto, quando nos deparamos com a riqueza de detalhes oferecidos por nossos interlocutores, descortinam-se novos temas que merecem ser levados em consideração ou até merecem uma pesquisa exclusiva, com foco e rumo totalmente distintos do que havíamos aventado no início. Aí reside a novidade dos métodos na antropologia, como Peirano (2014) afirmou. Eles permitem, até certo ponto, que a pesquisa agregue novas temáticas. Ainda que o ponto de partida tenha sido a vacinação do HPV, foi nas escolas que esse mundo social se abriu. A mudança de foco (e o desapego que é exigido por parte das pesquisadoras) que a perspectiva antropológica permite, especialmente pelo uso da etnografia, tem a vantagem de evitar que enormes dicotomias surjam entres os atores sociais e a investigadora ou que pressupostos e naturalizações por parte da segunda ocultem a perspectiva dos primeiros.

A presente pesquisa, ao priorizar a voz dos sujeitos estudados, em especial das meninas que foram alvos da campanha do Ministério da Saúde e do GDF, não teve, *a priori*, a intenção de produzir generalizações para todos os grupos que se assemelhem ao estudado. Relembrando algo dito anteriormente, a etnografia funciona como uma fotografia, que capta *certo* momento em *certa* situação, não se pretendendo fixa, muito menos, eterna. Por isso mesmo, quando narramos os fatos aqui e na dissertação, primamos pelo tempo verbal no pretérito, a fim de fixar essa ideia.

A pesquisa se realizou por meio da convivência com os sujeitos em campo, os quais foram se mostrando dispostos e interessados em participar dela. Com concordância voluntária, entrevistas foram realizadas por meio de um roteiro de perguntas semi estruturado, quando

possível. Conversas informais e inesperadas também se tornaram fontes importantes de informação. Nos casos de entrevistas, a gravação foi usada, mediante permissão e, depois, transcrita. Natália pôde conversar com diferentes atores em campo, como contado anteriormente.

Para a entrada na escola, Natália apresentou seu projeto de pesquisa e o comprovante de vinculação ao Departamento de Antropologia à vice-diretora. Qualquer outro tipo de documento ou parecer do Comitê de Ética não foi solicitado. Para grande parte dos antropólogos da contemporaneidade, a tramitação de seu projeto de pesquisa pelo sistema CEP/Conep não é tida como obrigatoriedade inquestionável e antecipada à entrada no espaço em que será realizada a pesquisa, como o é para muitas outras áreas, entre elas, aquelas da saúde. Como tem sido amplamente discutido na antropologia, passamos nossos projetos por esse sistema quando essa é uma etapa que se mostra relevante e condicional para nossos/as interlocutores/as (VICTORA *et al.*, 2004; FLEISCHER; SCHUCH, 2010; SARTI; DUARTE, 2013). Nossa postura ética é valorizar e honrar as condições que nos são apresentadas por nossas interlocutoras, em cada espaço de pesquisa específico. Ainda assim, Natália achou importante solicitar, à direção, um Termo de Concordância por parte da escola com relação à realização de sua pesquisa e, se necessário, nele fazer constar regras e limites para sua atuação. Esse documento foi elaborado e assinado pela diretora contendo a carga horária semanal da pesquisadora ali e a data de início e de término da pesquisa.

No entanto, o documento não nos eximiu de pensar as especificidades de uma pesquisa com menores de idade, de modo que também a proposta do Termo de Concordância por escrito foi necessária, para autorizar essa presença e pesquisa nas dependências da escola, mas não só isso. Natália teve o cuidado de conversar com as adolescentes sempre em grupo, geralmente, na sala do SOE. Quando esta era usada para outros fins, a pesquisadora optou por ficar sempre em locais públicos, como o pátio aberto, visível e centralmente localizado dentro da escola. Tomamos essas precauções porque falar de vacina HPV era, por vezes, fazer brotar temas como sexo, sexualidade, corpo, relacionamentos,

emoções. Tanto para a escola, quanto para estudantes, funcionárias e comunidade de pais e mães, eram temas espinhosos.

Ainda em termos de ética em pesquisa, omitimos o nome e a localização da escola e de seus atores. As fotografias, inclusive, primaram por esse velamento também, sempre evitando que corpos, personagens e histórias fossem identificados. Como pôde ser visto neste capítulo, as imagens que escolhemos fazem cortes e ângulos propositais que evitam olhos, rostos, marcas personalizadas de roupas, movimentos, materiais escolares. Afinal,

escolher pseudônimos para as pessoas que participaram da pesquisa é um recurso metodológico que identifica as interlocutoras e os interlocutores como sujeitos da pesquisa e ameniza a possibilidade de essas pessoas serem identificadas por outras pessoas que não aquelas que participaram dos momentos relacionais vivenciados – é preciso considerar que é inevitável o reconhecimento de si e de outras pessoas do grupo pesquisado através das histórias fixadas neste texto. (DINIZ, 2014, p. 35).

Além disso, não pretendemos, em momento algum, fazer uma antropologia de denúncia ou de julgamento. Assim, não marcamos as falas e as histórias aqui reunidas com nomes pessoais. Optamos também pelo plural feminino, dada a presença majoritariamente de mulheres – professoras, profissionais de saúde e estudantes – entre as pessoas com quem Natália conversou. Essa é uma escolha estatística, ética, mas, sobretudo, política (FLEISCHER, 2018, p. 53), uma vez que estamos a rever “uma regra da escrita acadêmica”, o plural no masculino, “que, muito mais do que meramente gramatical, tem profundidade histórica e masculinista” (FLEISCHER, 2018, p. 53).

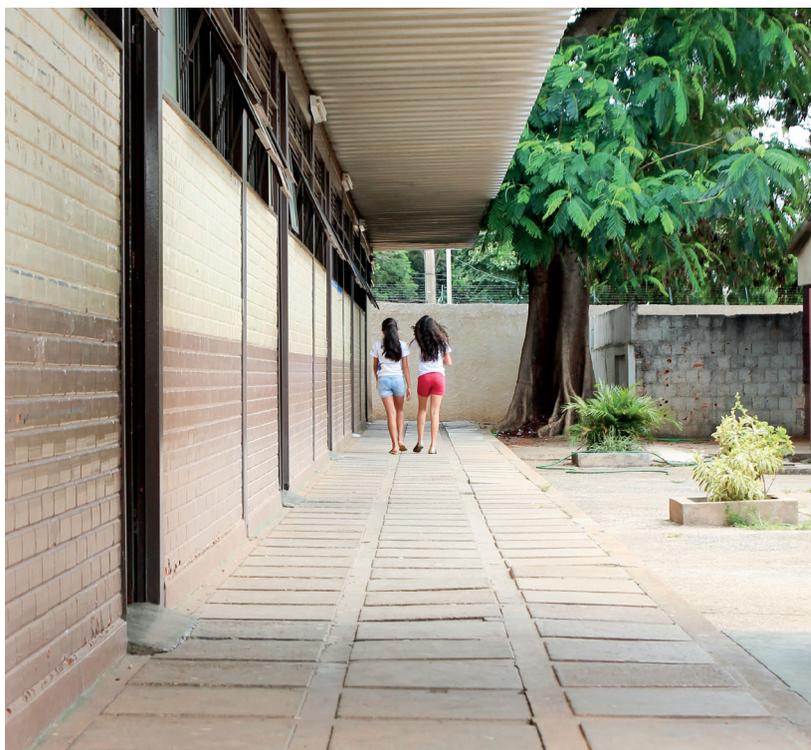
Natália participou de eventos da escola, de reuniões de pais e mestres e frequentou esse lugar em alguns fins de semana, quando tinham lugar os jogos escolares. Registrou os dados encontrados no caderno de campo; quando permitido, gravou as entrevistas e, para memória, organização e registro sistemáticos, os diários de campo foram escritos sempre

no mesmo dia da observação, com base em anotações no caderno e das entrevistas. Um tomo cronológico de diários de campo também foi montado e impresso, a fim de ajudar na organização e na periodização dos dados.

Todo esse percurso metodológico contribuiu de maneira intensa para a tentativa de pensar e de descrever o que nos propusemos a conhecer com esse estudo sobre a vacinação do HPV em uma escola do DF e de (re)pensarmos nossas práticas antropológicas de pesquisa, afinal, “ninguém nega que somos parte da realidade que pesquisamos. [...] ao reconhecer que existem outros ‘territórios’, ele – a pesquisadora – alcança a reflexividade almejada” (FONSECA, 1999, p. 65).

## Sinalizando comentários finais

**Figura 6.** Volta às atividades rotineiras pós-vacinação.  
Dezembro, 2015



A reflexividade na antropologia é uma oportunidade importante para entendermos que tipo de pesquisa queremos desenvolver, especialmente, no campo da saúde. Não importa muito se o campo se estabelece dentro de um ambiente naturalizado como biomédico, como hospitais ou postinhos, escola pública ou mercado. O importante é considerar que temas e relações acontecem ali e dinamizam especificamente questões e contravérsias que desejamos conhecer mais a fundo. No caso deste trabalho, por que uma escola não poderia ser cenário para a vacina, por que jovens não seriam personagens autorizados a falar de um medicamento especializado, por que a filha de uma professora não poderia virar pesquisadora, por que fotos de paredes não poderiam se transformar em dados etnográficos? Tudo isso **é dar asas à imaginação**, em vez de ser tomado como obstáculo à objetividade da antropologia. Pode se tornar uma solução para lidar com algumas questões que não encontravam tão evidentes representações.

Pensar a vacina HPV para além de seus sentidos mais comuns – um avanço tecnológico para a saúde, uma dádiva a ser aproveitada, uma proteção às mulheres. Ela foi entendida como uma substância política, politizada, politizável justamente porque suscitava muito mais do que apenas a produção de anticorpos. Suscitava debates sobre moralidade, sexualidade e gênero e não apenas sobre saúde; suscitava debates sobre a escola, a hierarquia, os conflitos, não apenas sobre centros de saúde; suscitava debates sobre antropologia, ética, parentesco e cidadania, não apenas sobre medicina e saúde pública.

Ao contrário do que geralmente acontece com temas de pesquisa na área da saúde, Natália não foi associada à autoridade biomédica porque decidiu não entrar na escola acompanhando, por exemplo, as funcionárias do centro de saúde que ali apareceram com suas caixas de isopor. Não vestiu, portanto, o jaleco visível ou invisível (FLEISCHER, 2011), como acontece com tantas antropólogas que escolhem realizar suas pesquisas em contato com instituições, com profissionais e com temas relacionados à saúde. Porém, ela foi associada, na pesquisa de mestrado, a uma professora e a uma mãe, os dois papéis que, crucialmente, definem o contexto de autoridade em um ambiente escolar e que, no cenário específico de uma campanha sanitária, são as duas figuras

que geralmente tomam a decisão (ou não) pela vacina. A presença de sua mãe poderia ter sido altamente arriscada, colocando-a sob suspeita ao ser entendida como leva e traz entre a sala de aula e a coordenação, mas ser filha – e, por contiguidade, ser estudante – pesou mais, e ela foi mais facilmente associada ao mundo do alunado do que ao do professorado. Assim, ter a mãe por perto colocou Natália mais próxima das estudantes do que das professoras ou da direção; colocou-a mais próxima de quem recebe do que de quem decide e administra uma vacina. Foram o parentesco, a **filha** que obedece aos desígnios de uma mãe; a universidade, que a mantinha na condição de **estudante**; e depois, a fotógrafa interessada nas *bobagens* escritas pelas jovens nas paredes os papéis que lhe permitiram ficar mais próxima justamente de seu público principal, as alunas, e ser aceita no rol de suas amigas.

Se *Argonautas do Pacífico ocidental* (MALINOWSKI, 1976) constitui ainda um exemplar texto etnográfico da nossa área em termos de escrita etnográfica e de imersão, hoje os desafios do campo são outros, mas não necessariamente antagônicos. Se o olhar, o ouvir e o escrever (OLIVEIRA, 1996) compõem o *ethos* do nosso ofício, essas ações puderam aqui ser incrementadas ao considerarmos a sensibilidade, o fotografar, a coautoria, a reflexividade antes, durante e após a pesquisa. Quem diria que escola, adolescentes, mães, fotos, paredes, vacinas dariam tantas combinações e seriam tão úteis para mostrar a vacinação, uma das práticas mais comuns da saúde pública brasileira, sob perspectiva inesperada, provocadora, nova? A vacina retoma assim seus provocadores horizontes, atualizada nos contextos urbanos específicos do século XXI.

## Referências

- ALTMANN, Eliska. O real imaginado: etnografia, cinema e surrealismo em Jean Rouch. *Mana*, v. 16, n. 1, p. 233-236, 2010.
- BARBIERI, Carolina; COUTO, Marcia. Cuidar e (não) vacinar no contexto de famílias de alta renda e escolaridade em São Paulo, SP, Brasil. *Ciência e Saúde Coletiva*, n. 20, p. 105-114, 2015.

BEZERRA, Natália Almeida. *Bombinha, relóginho ou pera: o uso de equipamentos biomédicos no cuidado da saúde de pessoas vivendo com hipertensão e diabetes na Guariroba, Ceilândia-DF*. 95 fl. Monografia (Bacharelado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

BEZERRA, Natália Almeida. *Tá de trelelé: quando a pesquisadora passa a ser alvo de fofocas em campo*. In: REUNIÃO EQUATORIAL DE ANTROPOLOGIA, 5.; REUNIÃO DE ANTROPÓLOGOS DO NORTE E NORDESTE, 14., 2015. *Anais...* Alagoas: Ufal/Unit, 2016.

BEZERRA, Natália Almeida. *Quando a vacina entra na escola: o mundo social da vacina HPV em uma escola pública do DF*. 2017. 223 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)– Universidade de Brasília. Brasília, 2017.

BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya (org.). *Entre saias justas e jogos de cintura*. Florianópolis/Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres/Edunisc, 2007.

CANESQUI, Ana Maria. *Adoecimentos e sofrimentos de longa duração*. São Paulo: Hucitec, 2015.

COLUCCI, Claudia. Vacinação contra vírus HPV divide opinião de médicos. *Folha de São Paulo*. [Cotidiano, 02/02/2014]. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/02/1406378-vacinacao-contravirus-hpvdivide-opiniao-de-medicos.shtml>. Acesso em: 16 jun. 2015.

CORREIO BRAZILIENSE. *Distrito Federal é modelo para campanha nacional de vacinação contra HPV*. [09/02/2014]. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2014/02/09/interna\\_cidadesdf,411918/distrito-federal-e-modelo-para-campanha-nacional-de-vacinacao-contrahpv.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2014/02/09/interna_cidadesdf,411918/distrito-federal-e-modelo-para-campanha-nacional-de-vacinacao-contrahpv.shtml). Acesso em: 3 out. 2018.

DINIZ, Cassianne Campos. *Quem inventou o sexo?: experiências cotidianas de crianças e professoras acerca de gênero e sexualidade*. 173 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

FLEISCHER, Soraya. Hematomas, terçados e riscos. *Teoria & Pesquisa*, n. 19, p. 50-70, 2010.

FLEISCHER, Soraya. Uma antropóloga em um campus universitário da saúde. *Tempus: Actas de Saúde Coletiva*, v. 5, p. 235-252, 2011.

FLEISCHER, Soraya. *Descontrolada: uma etnografia dos problemas de pressão*. São Carlos: Editora Universitária, 2018.

FLEISCHER, Soraya; SCHUCH, Patrice (org.). *Ética e regulamentação na pesquisa antropológica*. Brasília: Letras Livres; Editora Universidade de Brasília, 2010.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 10, p. 58-78, 1999.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2014.

GRAHAM, Janice E.; MISHRA, Amrita. Global challenges of implementing human papillomavirus vaccines. *International Journal of Equity and Health*, v. 10, n. 27, 2011. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3143925/>. Acesso em: 18 fev. 2017.

GRAHAM, Janice E.; MISHRA, Amrita. Risk, choice and the *girl vaccine*: unpacking human papillomavirus (HPV) immunization. *Health, Risk & Society*, n. 14, p. 57- 69, 2012.

GURAN, Milton. Fotografar para descobrir, fotografar para contar. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, v. 10, n. 1, p. 155-165, 2000.

HOCHMAN, Gilberto. Vacinação, varíola e uma cultura da imunização no Brasil. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 16, n. 2, p. 375-386, 2011.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Os argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MOULIN, Anne Marie. A hipótese vacinal: por uma abordagem crítica e antropológica de um fenômeno histórico. *História, Ciência e Saúde*, n. 10, p. 499-517, 2003.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista de Antropologia*, v. 39, n. 1, p. 12-37, 1996.

PASCOAL, Miriam; HONORATO, Eliane Costa; ALBUQUERQUE, Fabiana Aparecida de. O orientador educacional no Brasil. *Educ. Rev.*, Belo Horizonte, n. 47, p. 101-120, jun. 2008.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos* v. 20, n. 42, p. 377-391, 2014.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. *A maior zoeira na escola: experiências juvenis na periferia de São Paulo*. São Paulo: Editora Unifesp, 2016.

RANGEL, Everton. *Brazilian dancers: a travessia dos corpos em um circo norte-americano*. 153 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

ROHDEN, Fabíola. *A arte de enganar a natureza: contracepção, aborto e infanticídio no início do século XX*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

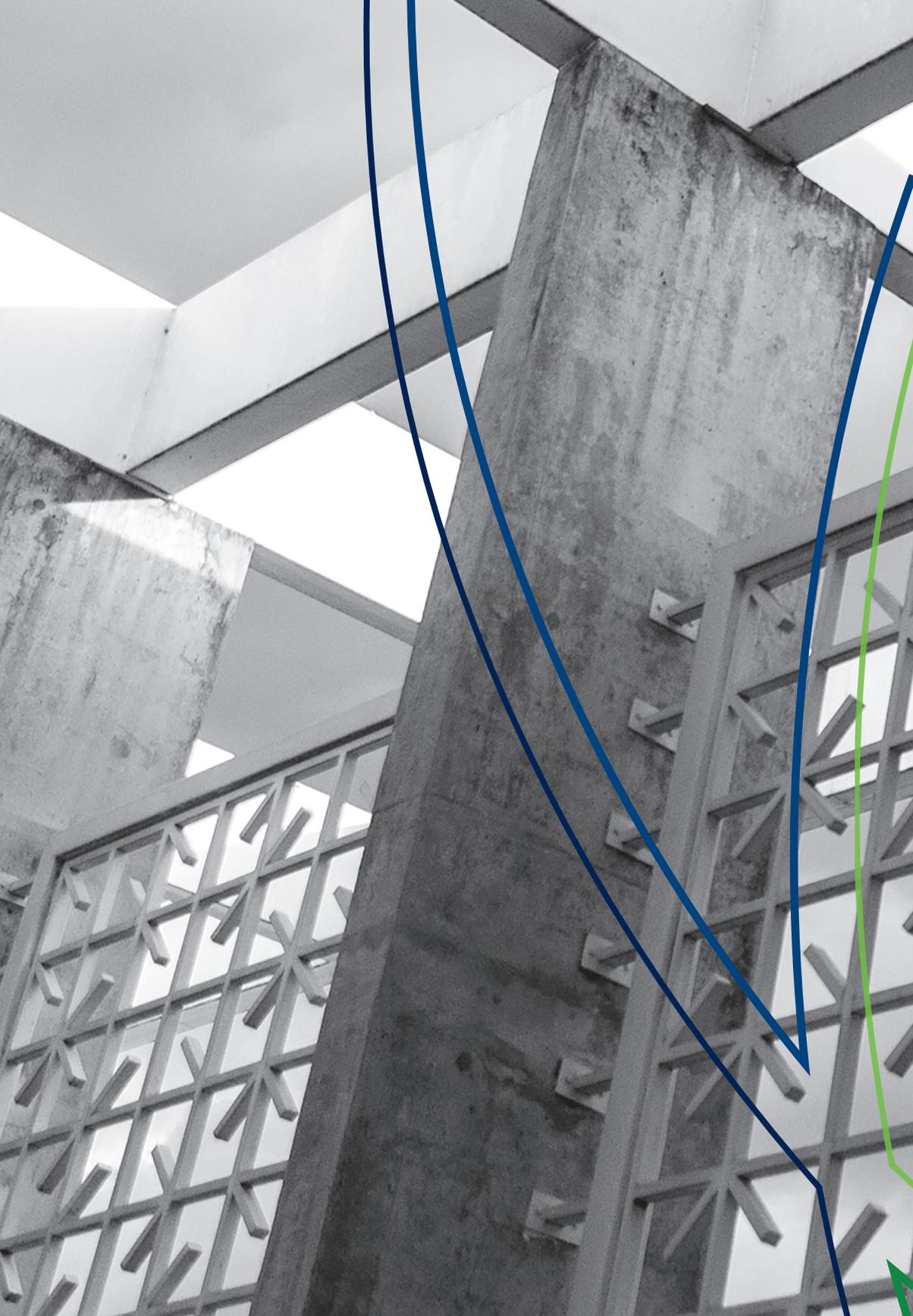
SÁ, Teresa. Lugares e não lugares em Marc Augé. *Tempo Social*, v. 26, n. 2, p. 209-229, 2014.

SARTI, Cynthia; DUARTE, Luiz Fernando Dias (org.). *Antropologia e ética: desafios para a regulamentação*. Brasília: ABA Publicações, 2013.

VAZ, Taminris; OLIVEIRA, Marilda O. *Pichação = educação = arte: contradição?* Unicamp, 2012. Disponível em: [http://www.infoteca.inf.br/endipe/smarty/templates/arquivos\\_template/upload\\_arquivos/acervo/docs/1732p.pdf](http://www.infoteca.inf.br/endipe/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivos/acervo/docs/1732p.pdf). Acesso em: 13 maio 2018.

VICTORA, Ceres Gomes *et al.* (org.). *Antropologia e ética: o debate atual no Brasil*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2004.

WAILOO, Keith *et al.* *Three shots at prevention: the HPV vaccine and the politics of medicine's simple solutions*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2010.





# Sobre as autoras e o autor

## Alan Camargo Silva

Professor de educação física, doutor em saúde coletiva pelo Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IESC/UFRJ), pesquisador da Escola de Educação Física e Desportos, Núcleo de Estudos Sociocorporais e Pedagógicos em Educação Física e Esportes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *E-mail:* [alancamargo10@gmail.com](mailto:alancamargo10@gmail.com)

## Claudia Fonseca

Antropóloga, doutora em etnologia pela Université de Nanterre e em Sociologia pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS), França; professora titular do Departamento de Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *E-mail:* [claudialwfonseca@gmail.com](mailto:claudialwfonseca@gmail.com)

## Daniela Riva Knauth

Antropóloga, doutora em antropologia social pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS), França; professora titular do Departamento de Medicina Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *E-mail:* [daniela.knauth@gmail.com](mailto:daniela.knauth@gmail.com)



### Elaine Reis Brandão

Assistente social, doutora em saúde coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/Uerj), professora associada do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *E-mail:* brandao@iesc.ufrj.br

### Fernanda Vecchi Alzuguir

Psicóloga, doutora em saúde coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/Uerj), professora adjunta do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *E-mail:* fevecchi@iesc.ufrj.br

### Francine Saillant

Enfermeira, doutora em antropologia social pela Université McGill, Canadá; professora emérita do Departamento de Antropologia da Universidade de Laval, Quebec, Canadá. *E-mail:* francine.saillant@ant.ulaval.ca

### Jaqueline Ferreira

Médica, doutora em antropologia social pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS), França; professora associada do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *E-mail:* jaquetf@gmail.com

### Lidiane Mara de Ávila e Silva

Psicóloga, doutora em saúde coletiva pelo Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IESC/UFRJ), professora assistente do Departamento de Saúde Coletiva da Universidade Federal de Mato Grosso. *E-mail:* lidiane\_avila@hotmail.com

### Natália Almeida Bezerra

Antropóloga, doutoranda em antropologia social pela Universidade de Brasília (UnB). *E-mail:* natalia.almeida.unb@gmail.com

### Nathalia Ramos da Silva

Fisioterapeuta, doutora em saúde coletiva pelo Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Iesc/UFRJ). *E-mail:* nathramos@hotmail.com

### Priscila Farfan Barroso

Cientista social, doutora em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS). *E-mail:* prifarfan@yahoo.com.br

### Priscila da Silva Castro

Nutricionista, doutora em saúde coletiva pelo Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IESC/UFRJ), professora adjunta da Faculdade de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. *E-mail:* priscilacastro@unifesspa.edu.br

### Rachel Aisengart Menezes

Médica, doutora em saúde coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/UERJ), professora associada do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *E-mail:* raisengartm@terra.com.br

### Renata de Moraes Machado

Psicóloga, mestre em saúde coletiva pelo Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IESC/UFRJ), doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *E-mail:* renatammachado@gmail.com

### Soraya Fleischer

Antropóloga, doutora em antropologia social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), professora associada do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. *E-mail:* fleischer.soraya@gmail.com

### Sylvie Fainzang

Antropóloga, doutora em antropologia social pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS), França; diretora de pesquisa do Instituto Nacional de Saúde e Pesquisa Médica (INSERM); e membro do Centro da Pesquisa em Medicina, Ciências, Saúde, Saúde Mental e Sociedade (Cermes3), França. *E-mail:* sylvie.fainzang@orange.fr

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

# Reflexividade na pesquisa antropológica em saúde

## Desafios e contribuições para a formação de novos pesquisadores

O ofício antropológico é feito de reflexividade. Andamos sempre na corda bamba, entre fazer uma etnografia da bruxaria do ponto de vista da bruxa ou do ponto de vista de um geômetra, seguindo a famosa comparação de Clifford Geertz. Quando entramos no campo da saúde, o trabalho fica mais desafiador. Lidamos com emoções, com corporalidades, com doença, com dor, com morte. Lidamos, além disso, com uma instituição extremamente potente, do ponto de vista não apenas de sua penetração social, de sua capacidade de acolhimento de tudo isso, mas, sobretudo, de sua eficácia simbólica, fortemente enraizada nos corações e nas mentes de todos nós. Refiro-me à medicina e às demais especialidades que gravitam ao seu redor. Ofícios compostos por pessoas que tratam outras pessoas; que mexem nos seus corpos, nos seus espíritos; que criam parâmetros para aferi-los; que oferecem conselhos, drogas; que propõem tarefas. A pesquisa antropológica surge como contraponto necessário para trazer à cena o emaranhado de experiências que compõem essas relações entre os que tratam, olham, examinam e aqueles que são tratados, observados e examinados. Evidentemente, o pesquisador faz parte desse emaranhado, pois o sofrimento e o acolhimento não lhe são estranhos. Os textos que fazem parte deste volume buscam refletir sobre essa posição reflexiva do pesquisador. Não se trata de uma posição necessária, mas, sim, inevitável. Não é uma escolha de quem pesquisa, mas uma consequência inevitável de habitar o mesmo mundo dos que sofrem e dos que acolhem o sofrimento do outro.

**Jane Russo**

Professora titular do Instituto de Medicina Social da UERJ

### Foto ao fundo:

Arquitetura do prédio da FACE/UnB.

Por Isa Lima.



EDITORA



UnB